 <p>FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA</p>	<p>Processo: 23118.002390/2011-00</p> <p><i>Processo: 1126/CPG</i></p>
<p>Assunto: Outorga do Título de Doutor <i>Honoris Causa</i> à Profa. Dra. Rosa Ester Rossini.</p>	
<p>Interessado: PROPESQ</p>	
<p>Relator: Conselheiro Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes</p>	

DO RELATÓRIO:

Trata o presente processo da outorga de título de Doutora *Honoris Causa* à Professora Doutora ROSA ESTER ROSSINI, pertencente ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. No processo constam as seguintes documentações: Memorando nº 266/PROPESQ; Currículo Lattes e Ata da Reunião Ordinária do Comitê Técnico Científico Institucional de 21.02.2011.

DA ANÁLISE:

Ao longo de uma trajetória de mais de 10 anos quando, pela primeira vez, foi recomendada pelo CNPq para compor o grupo de consultores do CTC Externo, cuja missão foi a de discutir e apoiar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC de nossa universidade, com o objetivo de expandi-lo com qualidade científica. Naquele momento, a universidade iniciava um de seus maiores desafios que foi o de ampliar o número de doutores e mestres e, neste sentido, o PIBIC constituiu uma importante estratégia de incorporação dos docentes na formação de jovens pesquisadores. Desde a sua primeira atuação como representante do CNPq e consultora externa junto ao nosso PIBIC, a professora Rosa Ester Rossini demonstrou grande solidariedade com o programa PIBIC e com a universidade. Posteriormente, dedicou sua atenção e apoio aos nossos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Suas ações nesses mais de 10 anos de serviços prestados na UNIR, caracterizaram e demonstraram o compromisso incontestável da Dra. Rosa Ester Rossini com o ensino a pesquisa e a extensão na Universidade Federal de Rondônia. Falar de sua trajetória por todos os lugares por onde dedicou sua atenção não é tarefa fácil. Então melhor do que apresentar seu perfil, nada melhor do que o testemunho pessoal de nossa homenageada:

ROSA ESTER ROSSINI POR ELA MESMA

Introdução

Este documento é constituído de duas partes. A primeira corresponde ao MEMORIAL propriamente dito, no qual procuro desenvolver de maneira seletiva os pontos que me pareceram mais significativos no caminho para a descoberta da geografia, da profissionalização e dos outros envolvimento ligados à orientação de estudos. Trata-se ainda de documento, em boa parte semelhante, até 1988, àquele apresentado ao concurso para Livre Docente. Dessa data até o presente, constitui-se o novo, o que foi feito mais recentemente, pois a vida continua. A segunda parte corresponde ao CURRÍCULUM VITAE.

1. História da vida até a Universidade... 1941-1960

Desde o meu nascimento, ocorrido em Serra Azul, convivi com o trabalho da mulher. Minha mãe sempre trabalhou para somar na manutenção da família. Inicialmente, após o casamento, ela costurava sapatos, enquanto meu pai os fazia.

Por problemas de doença do meu pai, este vendeu a sua parte na sociedade de uma sapataria, a qual já contava com 17 trabalhadores, e veio para São Paulo. Foi operado e ainda, neste período, meu irmão também ficou doente. Por recomendação médica voltamos para o Interior. Residimos alguns meses em Altinópolis, onde, durante o dia, meus pais trabalhavam como sapateiros e, à noite, meu pai tomava conta do Clube. Foram dias difíceis.

Quando eu tinha 5 anos minha mãe foi convidada para trabalhar no Grupo Escolar de Serra Azul como servente. Voltamos para minha cidade natal e minha família iniciou a "vida no funcionalismo público". Meu pai continuava como sapateiro exercendo atividade em casa e à tarde ia ajudar minha mãe na limpeza do Grupo. Ela era a única funcionária.

Neste período convivi intensamente com meu pai e com a *nonna*, quando aprendi a admirá-los muito. Ia buscar lenha "no mato" com ela para a preparação dos alimentos no fogão de lenha, visitava as amigas dela. Ia à colônia e ouvia as histórias da "Brava Gente".

Numa cidade de amigos, os serviços realizados e nem sempre pagos passaram a ser maiores do que os remunerados. Fazendo um balanço entre receita e despesa meu pai percebeu que, sem computar a sua mão-de-obra, estava gastando mais em material do que recebia com o fruto do seu trabalho. Assim sendo, abandonou a profissão e foi ser carregador de lenha em caminhão.

Aos seis anos, num dia 1o de Maio, maravilhada com o desfile dos estudantes do grupo, eu me apaixonei pela escola. Chorei muito dizendo que queria entrar no grupo. Minha mãe falou com a Diretora e dias após, dois meses e meio depois do início das aulas, eu fui para a escola. Consegui ser aprovada no final do ano.

Alguns anos depois, surgiu a possibilidade de uma vaga para servente e meu pai também foi trabalhar no Grupo.

Minha carreira de estudante vai ser selada, indiretamente, pelas mãos de Dona Antonietta de Mattos Guaryannas Taveiros, a diretora do Grupo, a quem devemos a democratização do ensino em Serra Azul.

Até 1948 só as famílias de melhor renda enviavam os filhos para o Ginásio, pois, praticamente, a única opção era o internato. Escolas caras, enxoval, etc. A outra alternativa, para os homens, era o seminário.

Dona Antonieta fez levantamento na cidade de todas as crianças e adolescentes que tinham "pendor" para o estudo. Foi de casa em casa falar com os pais dos futuros estudantes. Usou o seguinte argumento: deixe seu filho(a) estudar e caso os senhores não possam eu ajudarei. Assim ela preparou todos para o exame de admissão em São Simão. Numa manhã de dezembro, subiram todos no caminhão e foram fazer exame no Ginásio. Quase todos foram aprovados e nesta leva foi meu irmão, quase quatro anos mais velho do que eu. No começo viajavam de caminhão, diariamente, para São Simão, para freqüentarem o Ginásio, depois conseguiram uma jardineira, a "Marieta".

Meus pais sempre tentaram agir de forma democrática e quando eu, aos 10 anos, obtive o diploma do Grupo, fui no segundo semestre, sem questionar, para São Simão, na "Marieta", fazer o cursinho para entrar no ginásio.

Sempre lutei para conquistar meus objetivos. O primeiro grande exemplo ocorreu em outubro de 1952 quando comuniquei à minha família, na hora do almoço, antes da partida da jardineira, que eu ia, a partir daquele dia, morar em São Simão. Diante dos olhares atônitos do meu pai, da minha mãe e da *nonna*, eu lhes expliquei que a professora, Dona Zoé, disse que eu precisava estudar mais, caso eu quisesse entrar no ginásio e teria, portanto, que ficar em São Simão. Uma colega me convidou para ficar na casa dela. Assim eu saí de casa. Um mês depois meu pai foi ver onde e como eu estava. Em 1953 já estava freqüentando o ginásio em São Simão, pois havia sido aprovada no exame de admissão.

Fiz o ginásio, viajando diariamente para a cidade vizinha. No percurso via o café ser substituído por pastagens e eucaliptos. A jardineira quebrava muito e quase diariamente

chegávamos a São Simão ou a Serra Azul a pé. Percorriamos trechos de terra-roxa ou de areião. Comecei a perceber nitidamente diferenças de paisagem.

Em Serra Azul, da minha casa, eu via o café ser substituído pelo algodão e ambos já começavam, também, a serem substituídos pela cana. Durante as férias eu ia com a nonna, na Fazenda Paraíso, colher algodão e/ou ia buscar lenha nas áreas de que estavam sendo retiradas partes da mata remanescente para o cultivo deste produto. As vezes íamos diretamente na mata buscar lenha. Conosco se juntavam outras mulheres e muitas crianças. Era uma festa, mas eu ainda não percebia que já estava colaborando para a sobrevivência da família.

A vida era difícil, o salário se atrasava e meu irmão fazia o Curso Normal no Instituto de Educação Moura Lacerda, em Ribeirão Preto. O dinheiro para ele não podia faltar, mesmo considerando que morava na casa do tio Umberto.

No ginásio de São Simão poucos professores haviam cursado a Universidade. O professor James Noronha de Souza havia freqüentado a Universidade de São Paulo e cursado Geografia, a professora Maria Sabina Kundman também. Eles se individualizavam.

A influência do professor James foi decisiva para a definição da minha opção futura. Ele explicava as mudanças da paisagem. Com o uso obrigatório do Atlas em todas as aulas, ele nos mostrava o Brasil e o Mundo. Eu me decidi, já na segunda série ginásial, por fazer GEOGRAFIA.

Ganhei muitos beliscões da minha mãe a cada vez que dizia que ia ser professora de Geografia. Como é que a filha dos serventes ia ser professora de ginásio se as filhas da Dona Antonieta eram professoras primárias e nenhuma mulher na cidade tinha ido além do Curso Normal? O braço ficava roxo e eu "como a mulher do piolho" - teimosa - dizia: eu vou ser Professora de Geografia.

Cada vez que eu ia com a nonna visitar as amigas na colônia da Fazenda Paraíso ficava encantada com o pão quentinho feito no forno de lenha, com as carnes dependuradas no fumeiro, com a horta cheia de verduras, com o pomar carregado de frutas, com o jardim cheio de flores. Cada família era dona de uma "fatia" de terra que ia desde a estrada, passando pela casa até o topo da cuesta.

Os italianos vindos no final do século - minha família chegou em 1889 - que se fixaram na área de Ribeirão Preto para o trabalho na lavoura de café, conseguiram fazer um pequeno "pé de meia" e com o loteamento das propriedades, na década de 40, feito pela Companhia de Imigração e Colonização - CAIC - compraram os lotes e passaram a ser donos da terra. Minha família, bem antes desse período, no início do século, já havia saído do campo e ido para Serra Azul montar um pequeno comércio.

O *nonno* morreu de acidente de carroça quando ia levar "despesa" nas fazendas e meu pai e seus irmãos foram criados por um tio que, não tendo conseguido manter o comércio, foi ser mestre de obras.

Voltando à década de 40, alguns italianos venderam para "mineiros" seu lote e foram se estabelecer na cidade e/ou migraram para outros locais como Ribeirão Preto ou São Paulo.

Eu queria entender como era tão diferente a terra cultivada pelos "oriundi" e aquela cultivada pelos naturais da terra. Eu queria entender por que os solos eram diferentes. Eu queria entender porque as pessoas eram diferentes. Eu queria entender porque uns tinham muito e outros trabalhavam e se submetiam e continuavam pobres. Só a Geografia, da "Maria Antônia", segundo Seu James, poderia me dar respostas a essas indagações.

Disse para meus pais que queria cursar o Colegial, mas, na ótica deles, eu tinha que me profissionalizar. O máximo que eles imaginavam que poderiam "me dar" era o diploma de Professora Primária.

Na década de 50, as professoras gozavam de grande status e eu seria uma delas. A profissão já havia se feminilizado. Na classe do meu irmão, que havia se formado em 1957, tinham apenas dois rapazes.

Fui para o Curso Normal em Ribeirão Preto e, neste ano, introduziram o vestibular; era o ano de 1958. Neste, mesmo ano, alguns dias após o início das aulas, recebi um telefonema do Diretor do Ginásio de São Simão me convidando para ir para lá, pois acabara de ser criado o

Curso Normal. Agradei e fiquei no Ginásio Estadual e Escola Normal "Otoniel Mota" de Ribeirão Preto. Foi uma das decisões mais acertadas de minha vida.

Ao contrário de meu irmão, não aceitei morar em casa de parentes. Fui para uma pensão mista, era mais barato que pensionato. Naquela pensão, na Américo Brasiliense, já havia morado a Maria Helena Antuniassi, de quem 20 anos depois fiquei amiga aqui em São Paulo, através do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Era a pensão da Dona Antoninha, viúva, que mantinha quartos coletivos de aluguel para poder manter os filhos estudando. Um deles era o hoje conhecido Major Curió.

Minha vida mudou completamente em Ribeirão Preto. Conheci e me tornei amiga do "grupo dos pobres". Ainda, nesta época, mesmo o curso normal oficial, porque era mais difícil, era freqüentado por filhos de família de classe média e alta. Nós, a Baccega, a Deisi, a Stella, a Litamar, a Santa, a Lourdinha, a Du, etc., éramos filhas de assalariados, pobres.

Todas nós lutávamos, de alguma maneira, para sobreviver. Eu recebia o dinheiro da pensão que era "retirado" do salário dos meus pais. Meu irmão já trabalhava na Clipper. Não seguiu a carreira do magistério, embora tivesse tudo para ser bom professor. Depois de casado, ajudava muito a esposa no preparo do material das aulas. Era excelente desenhista e, enquanto eu estava no ginásio, ele fazia meus trabalhos de desenho e pintava meus mapas.

Em Ribeirão Preto a convivência com as amigas pobres foi uma dádiva. A Baccega, sempre amiga, era a líder do grupo. Dava aulas particulares de português, reunia a equipe na casa dela, na Vila Tibério, para os estudos de grupo. Fazíamos debates com os "colegas" do clássico.

Os professores do "Otoniel Mota" eram excelentes, na sua maioria. Um bom número formado pela Universidade de São Paulo. Toccarei de Assis Bastos, Florianete de Oliveira Guimarães mostravam o que era ser um professor consciente, engajado.

Nestes três anos eu tentava sobreviver diminuindo as despesas para minha família. Meus pais pagavam a pensão e eu dava aulas particulares para crianças da Escola de Aplicação do "Otoniel Mota". Descobri também com a Deise e com a Stella que se jogasse basquete para a equipe da cidade poderia viajar. Nas refeições, nas cidades onde se realizavam os jogos, era permitido pegar a sobremesa da semana (chocolates, balas, doces). Treinava quase todas as tardes na "Cava do Bosque". Foi um período agradável. Fomos vice-campeãs dos Jogos Abertos do Interior, realizados em Santo André.

Continuava ouvindo e recebendo orientação do professor James que agora morava em Ribeirão Preto. Ele me emprestava livros, me orientava e eu me preparava para o vestibular na "Maria Antônia".

No dia 26 de dezembro de 1960 eu e meu pai viemos para São Paulo para eu fazer o cursinho. Os professores eram estudantes do último ano ou recém-formados pela Universidade de São Paulo.

Também não foi fácil convencer meus pais que eu queria fazer faculdade. Afinal eu já era professora. O sonho deles havia se concretizado. O anel de pedra verde seria o símbolo dessa realização. Meu pai fez empréstimo para a compra da jóia. Consegui que a mesma não fosse adquirida e o dinheiro do empréstimo me fosse dado para eu "passar dois meses" em São Paulo. Abrimos um crediário na Clipper e eu comprei um "banlon" azul, um par de sandálias havaianas. Tomamos o Cometa e chegamos em São Paulo.

Minha tia queria que eu ficasse na casa dela em Pinheiros, mas eu argumentei que sempre havia morado em pensão e preferia continuar nessa situação porque tinha mais liberdade para usar o meu tempo. Venci e fomos procurar uma pensão nas imediações da Maria Antônia. Acertei, porque quando começaram as aulas chegaram as "meninas" universitárias do interior, já residentes no casarão da Marquês de Itu: Cidão (São Roque), Clemência (Piracicaba), Ilza (Bauru), Takako (Bauru), Marlene (Bauru), Maria Rosa (Gonçalves), Lúcia Comenho (Avaré), Madalena...

Prestei o vestibular para a Geografia na Universidade de São Paulo. Fiz todos os exames, escrito e oral - Geografia Geral e do Brasil, História Geral e do Brasil, Português e Inglês - todos eliminatórios. Fui passando em todos, mas fiquei no último, inglês. Quase morri de chorar. Telefonei para Serra Azul, na casa de um "amigo", para informar. A minha sorte,

uma vez que eu não havia passado no vestibular, foi a forma pela qual meu pai foi informado da minha primeira grande derrota.

Soube que havia outro vestibular de Geografia no "*Sedes Sapientiae*", Faculdade paga. Telefonei para a professora Maria Sabina, que nesta época já morava em São Paulo e ela veio ter comigo, me consolou, me incentivou e me ajudou no pagamento da inscrição. Prestei exames e fui aprovada.

2. A chegada na Universidade... 1961-1964

Enquanto fazia o vestibular na Cidade Universitária conheci o professor Araújo. Tínhamos "uma história ligada a Ribeirão Preto". Foi "amor à primeira vista". Ele passou a ser a minha referência. Também no vestibular conheci a Lia, amizade que preservo até hoje.

Comecei a freqüentar a Geografia do "*Sedes*". Apenas preenchi um formulário para pedir bolsa. Não foi preciso fazer mais nada. A dificuldade econômica estava transposta. Foi a minha primeira bolsa de estudos.

Durante o ano em que freqüentei o "*Sedes Sapientiae*", fiz amizade com várias colegas, que me marcaram muito.

Foi o primeiro contato que tive com escola não oficial. As cômegas, pela sua abertura, pela amizade, pelo apoio logo me cativaram. A Madre Maria Ângela - Irmã Lêda -, a Madre Maria da Paz - Irmã Ana Maria -, a Madre Ana Maria - Irmã Lúcia -, a Madre Claret - Irmã Valdete -, Irmã Olívia, Irmã Carmelita, foram tantas que conheci e de quem fiquei amiga que acabaria por estender demais "minhas memórias". Todas foram muito importantes e quase me tornei uma delas. Faltou-me coragem e força.

Em abril de 1961, a inflação se acelerava, a mensalidade da pensão aumentava, a situação ficou muito difícil. A opção foi montar uma "república". Fizemos reunião e organizamos o grupo.

A caminhada para encontrar um apartamento foi grande. Ninguém alugava apartamento para moças, estudantes e do interior. Depois de muitas negativas, encontramos um apartamento. A proprietária era a educadora Chiquinha Rodrigues. Foi a única que acreditou em nós.

No dia 16 de maio mudamos para a rua das Palmeiras. Talvez essa república tenha sido a primeira ou uma das primeiras de mulher. Fazíamos depois da meia-noite, única hora em que todas as moradoras estavam em casa, duas reuniões mensais: uma para prestação de contas e outra cultural. Cada mês uma das "meninas" falava sobre tema de sua "especialidade". Foram, provavelmente, os dez melhores anos de minha vida.

Praticamente todas as moradoras eram estudantes da Universidade de São Paulo. Foram me convencendo a mudar, e a Lúcia me convidou a assistir, à tarde, aulas, na Cidade Universitária. No final do ano eu consegui a transferência para o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária.

Ainda no mês de maio de 1960, meu pai escreveu me convidando a voltar para Serra Azul e ser professora substituta no Grupo Escolar. Dizia ele que a situação estava difícil e que já havia diminuído o consumo de cigarro, os sapatos precisavam ser substituídos, etc., que não dava mais, especialmente porque os gastos aumentaram muito com a doença da *nonna*. Pensei bastante e escrevi a ele dizendo que não precisava mais enviar dinheiro.

Fizemos reunião na república e a Takako me arrumou uma atividade: preceptora dos filhos de uma família japonesa. Recebia pouco, mas sobrevivi. Na rua das Palmeiras a contribuição mensal se referia aos gastos com o apartamento e consumo coletivo de café. Fiquei mais de seis meses comendo batata temperada com sal e limão; era a alimentação mais barata.

Na Cidade Universitária eu me realizei. Passava o dia todo lá e fui considerada uma aluna aplicada. O professor Araújo percebeu minhas dificuldades, não falou nada, mas agiu prontamente. Passei a dar aula particular para os filhos dele - José Marcos e Eliana.

Ele me levava da Geografia para a casa dele, na hora do almoço, para que eu desse aulas para as crianças. Elas não precisavam, mas foi a forma discreta que meu amigo encontrou para que eu me alimentasse. Todas as tardes, também, com a mesma discrição, me convidava

para tomar no bar da Geografia uma média com pão e manteiga. Passei também a dar aulas para Stela, filha da Dona Nice. Grande parte dos meus problemas alimentares estavam resolvidos. Sempre que o professor Araújo podia ele me arranjava um "bico". Assim passei a colaborar de forma mais efetiva com ele, levantando material para a Tese de Livre Docência que estava elaborando e também para a pesquisa sobre a Baixada Santista.

Fiquei totalmente envolvida com a vida universitária e profissional. Em 1962 dava aula de admissão na escola que seria criada no bairro do Butantã, trabalhava no levantamento do material sobre o Porto de Santos, especialmente nas férias, passava o dia todo no Departamento de Geografia e, no domingo, junto com as cónegas, Madre Maria Angela, Madre Ana Maria e Madre Maria da Paz dava aula de religião em Santo André.

Minha primeira grande excursão aconteceu em janeiro de 1963. O professor Aziz organizou uma viagem pelo Vale do São Francisco. Quanto aprendi! Visitamos as Cidades Históricas, chegamos a Pirapora, descemos o rio no "Venceslau Braz" até Juazeiro, na Bahia. Foram dias memoráveis. Todas as noites o professor reunia os mais de trinta estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - *Sedes Sapientiae* - e da Universidade de São Paulo que estavam viajando, fazia uma exposição e recomendava leituras. Chegamos a Juazeiro e em Petrolina tomamos um trem para Salvador. Foram três ótimos dias no Hotel Paraíso. Visitamos a Petrobrás, que financiava nossa estada na cidade. Alugamos um micro-ônibus, pois alguns dos estudantes "esticaram" a viagem e voltamos para São Paulo. Foi a minha primeira e proveitosa viagem geográfica. O professor Aziz foi assim, o professor que com seu brilho incontestável, nos mostrava como o ser humano interferia na paisagem reproduzindo um novo espaço. Com grande categoria integrava sociedade e espaço.

Eu já estava perfeitamente inteirada na vida universitária, exalava geografia, até cansava as "meninas da República" de tanto falar do meu curso. Estava irresistivelmente apaixonada pela geografia. O grupo dos deslumbrados era formado pela Lia, Olmária, Sebastião e Eu. Não perdíamos nenhuma excursão, não perdíamos nenhuma conferência; a geografia era nosso alimento.

Em 1961 eu já me havia tornado sócia da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB/São Paulo e não perdia as reuniões que aconteciam na cidade, na sede da rua 24 de Maio. Em julho de 1963 aconteceu a Assembléia Anual da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB. Foi realizada na Bahia - Jequié - sob a presidência do professor Milton Santos.

Fizemos inscrição, fomos selecionadas, mais uma vez o professor Araújo colabora para o avanço da minha profissionalização, pois quando fui me informar dos custos ele já havia pago minha inscrição.

Rumamos para Jequié numa perua comandada pelo Tomotoshi. Éramos sete: Diva, Lia, Sebastião, Manuel de Souza, Tomotoshi, um primo deste e eu. Percorremos a Rio-Bahia recém asfaltada. Era por ela que viajavam, agora, os "paus-de-arara" que se dirigiam para São Paulo.

Em Jequié participei da equipe de trabalho comandada pela professora Nice Lecocq Müller. Fui responsável pelo sub-grupo: "A área de influência de Jequié".

A Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, juntamente com o Departamento de Geografia, foram a minha escola de aprendizado. Trabalhávamos, lado a lado, comandados pelos maiores expoentes da geografia do Brasil. Nunca mais perdi reunião da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB.

Fui depois às Assembléias que se realizaram em Poços de Caldas (1964), Congresso no Rio de Janeiro (1965), Blumenau (1966), Franca (1967), Montes Claros (1968), Vitória (1969), I Encontro Nacional em Presidente Prudente (1972), Congresso da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB em Belém (1974), II Encontro Nacional em Belo Horizonte (1976), Fortaleza (1978), Rio de Janeiro (1980). A partir dessa data assisti apenas aos III, IV e VIII Encontros da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, respectivamente.

A paixão pela Geografia aumentava cada vez mais. Queria conhecer tudo, queria me "especializar" em tudo. Em 1963 fiz estágio com os professores Maria Alice dos Reis Araújo e José Bueno Conti, no Instituto Geográfico e Geológico, e com o doutor Nelson Rodrigues no

Instituto de Medicina Tropical. Neste mesmo ano, a convite da Marinha, comecei a ensinar geografia no Colégio Estadual Antônio Raposo Tavares, de Osasco.

Assisti também ao curso optativo de Orientação à Pesquisa coordenado pelos professores Léa Goldenstein, José Ribeiro de Araújo Filho e Renato Silveira Mendes. A área escolhida para o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar foi o "Bairro do Jaguaré". Nesse curso comecei a aprender a trabalhar em equipe. Foi um ano de pesquisa e mais tarde a professora Léa e eu redigimos o trabalho "O Bairro Industrial do Jaguaré", cuja publicação só viria a ocorrer em 1972, através do Boletim Paulista de Geografia, número 47.

Para completar foi criado o Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo e através do convite formulado pelos professores Aroldo de Azevedo e Pasquale Petrone comecei a trabalhar na pesquisa sobre "O Abastecimento da Cidade de São Paulo em Produtos Hortifrutigranjeiros". Foi um ano de levantamento de dados junto ao Entrepósito Municipal da Cantareira. Copiávamos, por amostragem de 10%, as notas com a discriminação dos produtos, do volume, da procedência e a empresa ou cooperativa responsável pela emissão da nota. Diariamente, o mais eficiente e responsável motorista - senhor Sulino - nos levava ao mercado. A equipe era constituída por todos os pesquisadores, estagiários e geógrafos do Instituto de Geografia: Seabra, Judith, Maria Enokida, José Luís e eu. Um pouco mais tarde a professora Diva se integra ao grupo.

Chega 64. Eu trabalhava no dia 31 de março, com a professora Diva, corrigindo os originais da "Baixada Santista". Na "República" onde eu morava fizemos reunião e a partir daí a casa se "encheu" de gente com "culpa no cartório". Pensávamos apenas que tínhamos que apoiar as pessoas que pensavam como nós.

Não perdia nenhuma excursão promovida pelo Departamento. Ia a todas as obrigatórias e mesmo às outras. Lia, Sebastião e eu não perdíamos nenhuma oportunidade. Sabíamos que ia haver uma excursão e íamos ao ponto de saída do ônibus para ver se sobrava algum lugar. Os professores resolveram, em uma reunião do Departamento, de uma forma discreta, para diminuir nossa participação repetida, exigir sempre relatório. Isso não nos abalou, continuamos a ir em todas elas e fazíamos relatório. Acabamos "incomodando" até nossos colegas com nosso desejo de participar sempre.

A vida transcorria e eu trabalhava dia e noite com o objetivo de "crescer", assim concluí o bacharelado e licenciatura em Geografia em 1964.

3. O ensino e a pesquisa... 1965-2007

O ano de 65 foi o mais importante, do ponto de vista profissional: "Dante Alighieri", PUC - "*Sedes Sapientiae*", "São Bento" -, Concurso de Ingresso, Congresso no Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

No início do ano foi criado o Curso Normal no Colégio "Dante Alighieri" e o professor Pasquale Petrone me convidou para assumir as aulas de Geografia.

No mesmo ano a professora Cacilda também me convidou para ensinar Geografia do Brasil na Faculdade "São Bento", pois ela começava a deixar as aulas de lá e no fundo me preparava para assumi-las, o que aconteceria em 1967.

No "*Sedes Sapientiae*" os alunos do Curso de Ciências Sociais não estavam muito satisfeitos com o professor de Geografia. Como eu mantinha contato, aos domingos, com as Cônegas de Santo Agostinho e como elas estavam acompanhando meu interesse pela geografia e sabiam que eu ia iniciar o trabalho na PUC "São Bento" e no Colégio Dante Alighieri, me convidaram para assumir a Disciplina de Geografia Humana para o Curso de Ciências Sociais. Neste Departamento, mais tarde, eu seria eleita a Coordenadora (1970-71).

Neste mesmo ano foi realizado o concurso de ingresso para o Magistério Oficial do Estado de São Paulo. Do concurso faziam parte as seguintes provas: escrita, leitura pública da mesma, didática e prova prática de cartografia.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes professores: José Ribeiro de Araújo Filho, Diva Beltrão de Medeiros e o representante do Ensino Oficial, Miguel Chammas.

Mesmo tendo sido classificada em primeiro lugar, não consegui escola na Capital. Mesmo assim, ao ingressar, pude conciliar, em parte, meus interesses, pois ensinava a noite no Instituto de Educação Estadual "Washington Luís", em Moji das Cruzes.

Em 1963 fui nomeada para auxiliar de pesquisa no Instituto de Geografia. O meu conflito surgiu em 1965, quando nós, os estagiários, ficamos sabendo que havia duas vagas para geógrafos e tinham sido convidadas pessoas que não estavam nem vinculados à pesquisa e nem ao ensino superior. Sentimos que, já formados, esses dois cargos deveriam ser preenchidos por concurso e nós nos submetíamos a ele. Isso não aconteceu e pedimos demissão: José Luís, Maria Enokida e eu. Os geógrafos não foram admitidos. Mais tarde o Adilson A. de Abreu foi nomeado. Apesar desse problema, eu continuei, agora "estagiando" no Instituto de Geografia. Colaborei na monografia sobre "O Tomate", escrevi sobre "A Alface no Abastecimento da Cidade de São Paulo", colaborei na pesquisa de campo sobre "As funções urbanas nas proximidades do Mercado Central de São Paulo", redigido por Adilson Avansi de Abreu.

Em 1966, quando assumi as aulas como Professora Efetiva de Geografia Geral e do Brasil, reforcei ainda mais minha preocupação voltada para os estudos populacionais. Viajava no trem de subúrbio com o professor Maurício Tragtenberg e conversávamos muito sobre o tema Migração. Víamos e participávamos da luta daquelas pessoas, em bom número migrantes, que tentavam sobreviver, como nós.

Em 1966-67 fiz curso de Pós-Graduação no velho regime e recebi o certificado. A efetiva Pós-Graduação, sob orientação do professor José Ribeiro de Araújo Filho, eu a comecei em 1967, quando assisti a vários cursos para obtenção dos créditos.

Paralelamente às atividades de ensino continuei assistindo a cursos ministrados por professores convidados pelo Departamento de Geografia e pelo Instituto de Geografia. Em 1963 o professor Monbeig ministrou o curso sobre Geografia Regional da França e Problemas da Agricultura em Regiões Tropicais; em 1964 o professor Philippe Pinchemel sobre Geografia Urbana e Planejamento Regional; professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro sobre Climatologia Dinâmica e o professor Guy Lassere sobre Fitogeografia; o professor Antônio Rocha Penteado sobre o Mundo Tropical, em 1965; Sociologia Rural pela professora Lia Freitas Garcia, Geografia e Estatística pelo professor André Libault, em 1966; Planejamento Regional e Regionalização pelos professores Michel Rochefort e Jean Labasse, Colonização no Sul do Brasil pelo professor Jean Roche e População Brasileira, pelo professor Moisés Kessel, patrocinado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, em 1967.

Prestei concurso e fui aprovada em 1967 no Colégio de Aplicação Professor "Fidelino de Figueiredo" da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Teria sido uma experiência única caso eu tivesse conseguido o comissionamento pleiteado. Como meu dia só tinha 24 horas, tive que abandonar a idéia de trabalhar lá, pois continuava sendo professora da PUC - "*Sedes Sapientiae*" e "São Bento", do IE "Washington Luís" de Moji das Cruzes, fazia Pós-Graduação, assistia a vários cursos, etc.

No final de 1967, por sugestão da colega Marina Piza de Sampaio Góes - a Marinita -, fiz minha primeira viagem de avião e internacional. Fui com um grupo de brasileiros participar de um estágio internacional sobre didática e, no meu caso, de geografia, em Sèvres - França. Conhecemos as melhores técnicas de ensino, falamos sobre nossos trabalhos e no retorno assumi as aulas de Prática de Ensino de Geografia e coordenação de geografia do Colégio de Aplicação do "*Sedes Sapientiae*".

Com a vinda do professor Pierre George para ministrar Ciclo de Conferências sobre Geografia Urbana e África do Norte. "transfêri", por dois meses, em 1968, as aulas da PUC - "São Bento" para a USP. Tive alguns problemas com isso e acabei me desinteressando pela Faculdade "São Bento". Pedi demissão. Coincidentemente várias alunas pediram transferência para o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Dentre elas, a Nilde, a Arlete, a Cida Serapião, etc.

Coincidentemente, no início de 1969, estavam criando o Instituto Municipal de Ensino Superior de São Cetano do Sul e a professora Maria Alice dos Reis Araújo me convidou para ministrar as aulas de Geografia Humana do Brasil, enquanto ela ensinava Geografia Humana. Foi uma experiência gratificante. Tínhamos a mesma orientação e uma aproveitava os exemplos

da outra, deixados no quadro-negro, para fazer as amarrações das aulas que transcorriam teórica e metodologicamente com muita semelhança.

Surgiu a possibilidade de contratação de uma pessoa no Departamento de Geografia. Desde 1965 o professor Araújo vinha interessado na minha admissão pela Universidade de São Paulo. Esta oportunidade surgiu, mas o contrato só foi se realizar em julho de 1970.

Menos de um ano depois eu entregava e defendia sob orientação do professor Araújo a dissertação de mestrado intitulada "Serra Azul, o homem e a cidade". Obedeceu à linha até então desenvolvida pela geografia da época, isto é, o trabalho monográfico. Nesta pesquisa já comecei a trabalhar, na geografia, com a mão-de-obra volante. Talvez um dos primeiros trabalhos voltados para este tema.

Logo após a defesa, a convite da professora Terezinha Fram comecei, por sugestão da professora Maria Alice dos Reis Araújo, a trabalhar na Secretaria da Educação, coordenando o projeto denominado "Caracterização Sócio-Econômica dos Municípios do Estado de São Paulo", com vistas à implantação do ensino profissionalizante no Estado (Lei 5692/71).

Neste trabalho, apesar das dificuldades econômicas para a pesquisa, elaboramos vários documentos e mais tarde, com acompanhamento da Lia Reismann, foram publicados os mapas com a denominação de "Cartogramas Básicos para Planejamento Educacional".

O trabalho foi realizado de 1971 a 1974 com a colaboração de Lia Reismann, Teluko Yonemoto, Helena Mirabelli e Aparecida de Godoy, professoras comissionadas. Contou ainda com a colaboração mais efetiva dos estudantes Ana Fani Alessandri, Amélia Luiza Damiani, Tânia Bondezan, Lúcia Araújo Marques, Adalberto Leister, Nelson Bacic Olic. Estes dois últimos, recém-formados. Ainda tivemos a colaboração preciosa, por um período de mais de um ano, da professora Nice Lecocq Müller. O trabalho na Secretaria de Educação, apesar de sofrido, pois que, neste longo período, nem a metade do tempo os estagiários e eu recebemos qualquer remuneração. Foi, tenho certeza, uma verdadeira escola para muitos estudantes.

Para mim, o convívio com Dona Nice e a experiência adquirida fora do mundo acadêmico foram muito proveitosos. O mais importante foi que, a partir deste material, alimentei o projeto de minha tese de doutoramento. Utilizei cerca de 10 cartogramas, vinculados diretamente ao estudo da população.

Envolvida com as leituras dos trabalhos de Jacqueline Beajeu-Garnier e Pierre George na Europa e Elza Keller, pioneira nos estudos de população no Brasil, além de José Francisco de Camargo, enveredei de forma concreta por esse caminho.

O trabalho desenvolvido foi constituído de duas partes. Na primeira foi feito estudo evolutivo da ocupação do espaço paulista, dando uma espécie de continuidade ao trabalho do professor Camargo, que analisou a população até 1950; eu o estendi até 1970. Na segunda parte apresentei pesquisa feita pela Fundação Plano de Amparo Social - Fundação PAS - que se referia a "Populações Marginais" e desenvolvi o tema sobre a questão do trabalho volante na agricultura. Neste momento a penetração mais intensa das relações capitalistas no campo tinha deixado marcas profundas. A migração campo/cidade assumiu proporções enormes no Estado e no País e a presença do volante, residindo na periferia das cidades e voltando diariamente para o trabalho no campo, era um fenômeno novo na paisagem.

O trabalho de Maria Conceição D'Incao sobre o "Bóia-Fria, Acumulação e Miséria" ocupava as manchetes. Todas as áreas voltadas para as Ciências Humanas desenvolviam este tema.

Assim foi que, em outubro de 1975, defendi a tese de Doutorado, sob orientação do professor José Ribeiro de Araújo Filho. Participaram ainda da banca os professores Pasquale Petrone, Wanda Silveira Navarra, José de Souza Martins e Fernando Salgado. A Tese foi defendida com o título "Contribuição ao Estudo do Êxodo Rural no Estado de São Paulo".

No final de novembro, aniversário da minha cidade natal, a Prefeitura, para comemorar o Ano Internacional da Mulher, através de minha pessoa, homenageou todas as mulheres. Foi, talvez, a maior honra. Neste momento eu percebi efetivamente que tinha sido pioneira em Serra Azul e provavelmente aberto a porta para outras mulheres alçarem vôo e conquistarem espaço. Tinha sido a primeira mulher a ter bicicleta, a entrar na Universidade,

fazer carreira universitária. Em 1984 inauguraram, sob grande emoção para mim, na Escola Estadual de 1o e 2o Graus, a Biblioteca Professora ROSA ESTER ROSSINI.

A partir de 1975 fiquei definitivamente voltada para os estudos de população e, de forma mais específica, preocupada com o tema da mão-de-obra volante. Tendo saído publicado o tempo integral, tive que me afastar da PUC, de São Caetano e ficar exclusivamente na Universidade de São Paulo.

Merece ressaltar que, com a fusão das Faculdades "São Bento" e "*Sedes Sapientiae*" em 1970, eu havia retornado à PUC (São Bento), ensinando Geografia Humana - Geografia da População - para os alunos dos cursos de Ciências Sociais e História. Trabalhava também com o curso de geografia, coordenando estágios dos alunos de Prática de Ensino de geografia e ministrava aulas desta disciplina para os alunos do período da manhã, o que vale dizer, para os alunos do "*Sedes Sapientiae*".

Foi um período bastante profícuo, pois aprendi a trabalhar com o colega Fauze Saadi nos cursos que programamos, em conjunto, para os Departamentos de História e Ciências Sociais.

Ainda na PUC me foram dadas muitas responsabilidades, as quais eu desenvolvia com enorme prazer: Coordenação e organização do currículo para alunos de complementação em geografia para os formados em Estudos Sociais, Reformulação do Currículo de Geografia em conjunto com a professora Maria Alice dos Reis Araújo Fischer, preparo das questões de geografia para o vestibular da PUC, etc.

A partir de 1976 fiquei exclusivamente trabalhando no Departamento de Geografia. Se por um lado a saída da PUC, em especial do elo que me ligava ao "*Sedes Sapientiae*", foi traumatizante, por outro, a partir desta data pude me dedicar mais aos estudos populacionais.

Foi nesse período que comecei a frequentar o Centro de Estudos Rurais e Urbanos a procura de intercâmbio, pois o meu trabalho na geografia era muito solitário. Era a única que trabalhava mais diretamente com População. Ao mesmo tempo passei a frequentar mais reuniões científicas além daquelas realizadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB.

A convivência com Eva Blay, Lia Fukui, Maria Isaura Pereira de Queirós, no CERU, abriram novas perspectivas para meus estudos. Neste período conheci a professora Maria Luíza Marcílio, pioneira nos estudos de demografia histórica no Brasil, e ela me abriu as portas para maiores intercâmbios. Participei de mesa redonda com o tema "Relações entre a Marcha da Ocupação do Estado de São Paulo e o Café", no Congresso da União Internacional para o Estudo Científico da População - IUSSP -, no México. Por sugestão da mesma colega fui ao Rio de Janeiro apresentar trabalho e também participei da criação da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP -, da qual em 1980-82 fui tesoureira.

Assisti a quase todas as reuniões sobre "Mão-de-obra Volante", realizadas anualmente em Botucatu, sob a coordenação das professoras Maria Helena Rocha Antuniassi, Sonia Maria P. P. Bergamasco e Leonilde Sérvalo de Medeiros e José Graziano da Silva.

Nesta mesma época me integrei intensamente na Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB/São Paulo, tendo sido diretora por duas vezes, além de ter exercido de 1961 a 78 praticamente todos os cargos. Na Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB/Nacional, também participei do Conselho Diretor, praticamente de 1970 a 78, após ter sido alçada à sócia efetiva, tendo sido secretária e tesoureira por dois mandatos.

Com a defesa da tese de doutoramento, surge outra preocupação básica, isto é, a orientação de alunos de Pós-Graduação e o ensino da Disciplina Geografia da População - A População Paulista, em nível de Pós-Graduação.

A orientação de alunos e a participação em bancas examinadoras representam momentos de enriquecimento intelectual e significativa oportunidade de atualização científica. Trabalhando com os pós-graduandos, tenho tido oportunidade permanente de reciclagem e de abertura para vários temas na área de população.

Finalmente devo ressaltar que por indicação da professora Elza Keller passei a ser membro efetivo por duas gestões - 1980-84 e 1984-88 -, da Comissão de Geografia da População da União Geográfica Internacional - UGI. Nesta Comissão tive a oportunidade de conhecer pesquisadores de todo o mundo que trabalham com o tema de minha especialidade.

Em função de minha vinculação com a Comissão de Geografia da População, organizei em 1982 a reunião em São Paulo. Foi penoso, pois com pouca experiência internacional recebi uma dezena de professores do exterior para debater questões de População. Vieram pessoas da Inglaterra, França, Suíça, Itália, Moçambique, Índia, Argentina e Chile, além dos brasileiros. Do Departamento de Geografia, de forma mais efetiva, atuaram as colegas Ignês Geraiges e Maria Regina Sader.

A participação nessa Comissão permitiu tanto maior intercâmbio com pesquisadores como possibilidade de publicação em revistas internacionais. Valeu a pena. A criação do Grupo de Trabalho sobre Geografia e Gênero da UGI do qual participei, desde o seu início, possibilitou nova frente de envolvimento, de trabalho e de ousadia pois, a mulher não é categoria de análise na geografia.

Iniciei minha primeira pesquisa sobre o tema em 1977, mas como a mulher não representava categoria de análise para a geografia, fiquei todo esse tempo procurando o caminho para a integração. Reapliquei a mesma pesquisa em 1986, o que me permitiu avaliar as mudanças ocorridas nestes quase dez anos de maior engajamento da mulher na força de trabalho.

O fio condutor foi encontrado. Através da categoria trabalho foi possível a integração. O aprofundamento dos estudos nos permitiu entender melhor essa categoria de trabalhadoras discriminadas. Em 1988 entreguei e defendi a Tese de Livre-Docência com o título "Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista". Da banca participaram os professores José Ribeiro de Araújo Filho (presidente), Milton Almeida dos Santos, Manuel Correia de Andrade, Antonio Olívio Ceron e Lêda Maria Pereira Rodrigues.

Do concurso fizeram parte as seguintes provas: Aula Teórica, Aula Prática, Prova Escrita, Defesa da Tese e Avaliação do Memorial. O resultado final deixou-me radiante, pois foi média 10,0 (dez).

Enquanto pesquisadora participei de reuniões na Itália - Cagliari -, estabeleci intercâmbio com pesquisadores da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Suíça, da Itália, da França, de Portugal. Os estudos de Geografia e Gênero comecem hoje a interessar os pesquisadores da Geografia. Assim é que em 1988 foi criado um grupo de estudos sobre Geografia e

Gênero na UGI, do qual, a convite de Janet Momsen, da Inglaterra, fiz parte e já em abril de 1989 foi realizada a primeira reunião científica na Inglaterra, em Durhan. No Brasil, desde 1985, por iniciativa da professora Eva Blay, os professores da Universidade de São Paulo criaram o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais do Gênero (NEMGE), do qual participo até hoje.

De 1984 a 87 coordenei o curso de Pós-Graduação em Geografia Humana no Departamento de Geografia, o qual foi rico em experiência. Aprendi muito. Ainda na coordenação do curso, já com mais conhecimento das formas de obtenção de financiamento para vinda de professores, pudemos contar com a presença de importantes geógrafos, como a dos professores Manuel Correia de Andrade e Pedro Pinchas Geiger. Vieram ainda financiados pela FAPESP os professores Jean P. Damais, Daniel Noin, Alain Lipietz, da França, o professor Carlos Carreras, da Espanha, e a professora Maria Nazaré Roca, da Iugoslávia.

A convite da professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, participei como membro do Conselho Técnico e Científico do CERU, de 1985 a 1988 e do Conselho Deliberativo do NAP-CERU até 1998. Também em 1985 foi criado, por iniciativa da professora Maria Luiza Marcilio, o Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina - CEDHAL - do qual participei como representante do Departamento de Geografia até 2008.

Por iniciativa da professora Elza Keller, desde 1985 desenvolvemos no Departamento de Geografia - antes Instituto de Geografia - o projeto do Atlas da População do Estado de São Paulo, financiado pela FAPESP e CNPq do qual ela foi coordenadora geográfica.

A elaboração deste trabalho, que foi o primeiro deste gênero no país, recebeu apoio da Fundação SEADE e Secretaria de Economia e Planejamento, graças ao interesse da professora Neide Patarra. Devido a diversos problemas, finalmente em 1995 foi publicado. A coordenação

do Projeto, sua conclusão e publicação, representam o coroamento dos esforços e do interesse pelos estudos populacionais.

A redação da tese de Livre Docência se prendeu muito a este trabalho, pois quase todos os cartogramas nela apresentados foram extraídos desse projeto.

Uma das grandes realizações e consagrações profissionais ocorreu em 1988 com a eleição junto à comunidade e indicação de meu nome pelo Conselho Deliberativo para participar como Assessora de Geografia Humana e Regional junto ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), na vaga aberta com a saída do professor Manuel Correia de Andrade.

Foram dois anos altamente gratificantes: o trabalho em Brasília; o estudo e análise dos projetos; a constatação do que estava sendo produzido na Geografia. A convivência com os técnicos do CNPq foi maravilhosa. Em 1990 fui eleita para representar o Comitê (Geografia Humana e Regional, Planejamento Regional, Arquitetura e Urbanismo e Demografia) junto à Comissão Coordenadora dos Comitês Assessores.

Desde o final de 1989 participo como membro dos Comitês Assessores como representante da Área de Ciências Humanas e Sociais do Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica. Através desse programa, colaborando na seleção e ou avaliação das bolsas, tive oportunidade de viajar por todo o Brasil. Particpei de trabalho nos Módulos U. E. Maringá/Londrina (Londrina), U. F. Bahia (Salvador), U. F. Minas Gerais/Viçosa (Belo Horizonte), F. U. A. Amazonas/INPA (Manaus), U. F. Pará/Maranhão e U. E. do Maranhão (São Luís), U. F. Mato Grosso/U. F. C. Acre/U. N. I. R. Rondônia (Cuiabá), U. F. Pelotas/Santa Maria/Rio Grande (Pelotas), U. F. Santa Catarina/U. E. Santa Catarina (Florianópolis), U. F. Uberlândia/Goiás/Mato Grosso (Campo Grande), U. F. Pará/Maranhão/FCAP/UEMA (Belém), U. F. Minas Gerais/Viçosa (Viçosa e Belo Horizonte). A partir dessa atividade foi apresentada na SBPC do Rio de Janeiro (1991) trabalho de comunicação coordenada a respeito do Programa ("Mudança de Vento: do 'Balcão' para a Universidade. O Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica").

Declarei que tinha dois amores em um dos textos que escrevi. Um deles é o PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Por ele tenho viajado por todo o país e contribuído com minha experiência. De 1985 até 2009 participei da Comissão Nacional de Avaliações da Iniciação Científica – CONAIC – sob a coordenação do Prof. Isaac Roitman que muito tem construído para o aperfeiçoamento do Programa e a descoberta de novos talentos. Considero o PIBIC o Programa de maior sucesso do CNPq. No início era, quanto ao número de bolsas (350), bem modesto. Funcionava sob a forma de módulo. Com o tempo foi ganhando significado pela sua descoberta pelas Universidades e a percepção de que ele era o caminho para o futuro. Pipocavam motivações de ingresso no Programa, para a participação, as universidades tinham que demonstrar capacidade de orientação: professores titulados, tempo integral de uma boa parte do corpo docente e publicação de artigos e livros indexados. Em 2004 foi criado o PIBIC Junior do qual fazem parte estudantes das escolas públicas dos ensinos médio e fundamental. Em 2005 foi criado o PIBIT – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica. Para se ter uma idéia da importância destes programas, hoje (2010) são cerca de 100.000 bolsas usufruídas pelos estudantes. São concedidas – pelo CNPq (28.000), Universidades, Fundações de Amparo à Pesquisa e outras fontes.

Em 1990, a convite da Universidade de Salamanca, estive na Espanha apresentando trabalho "A População Brasileira: Trabalhar e Sobreviver". A exposição foi apreciada de tal forma que o convite foi renovado até o final do programa. Apresentei trabalho sobre Migrações, Evolução da população e outros temas.

Tenho participado das atividades do NEMGE e começa a aparecer uma luz no final do túnel de tal forma que há um espaço para a discussão de trabalhos sobre o tema Mulher. Já orientei dissertação de Mestrado sobre o tema ("Mulher na Indústria Têxtil Paulistana" - Yná Andrighetti) e oriento, na sua fase final, tese de Doutorado de Marlene Maria da Silva sobre a participação da Mulher na pequena produção agrícola do agreste pernambucano e a elas se seguem mais de uma dezena de orientações.

Em julho (1991) realizou reunião sobre a Questão Regional e os Movimentos Sociais na América Latina, na qual coordenei os trabalhos sobre o tema Mulher. A reunião foi patrocinada pelo Departamento de Geografia da USP, Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica da UNESP - Campus de Rio Claro, UGI - Grupo de Trabalho sobre Geografia e Gênero e NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero).

Assim é que, além dessas atividades, embora os estudiosos sobre o tema Mulher ainda sejam pouco numerosos na Geografia, tenho levantado a bandeira sobre o tema e feito várias palestras, por exemplo: CERU, Faculdade de Botucatu, UNESP - Rio Claro, F U A - Amazonas, Barcelona (Espanha), Buenos Aires (Argentina), Bogotá (Colômbia), Cidade do México (México), etc.

Um dos trabalhos mais difíceis na minha carreira foi a participação na Comissão Examinadora do Concurso para efetivação docente junto ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H. da USP. Foram 24 candidatos, todos colegas e de excelente nível. Julgar é tarefa difícil especialmente quando se trata de colegas de trabalho. Todos mereciam o primeiro lugar, mas só um, poderia ocupá-lo. Felizmente tudo transcorreu na maior normalidade e a banca, após o exame do currículo, do memorial, da aula e da leitura da prova conseguiu chegar a um resultado classificatório. Participaram também da banca os professores José Pereira de Queiroz Neto e José Sebastião Witter.

A vinda para o Departamento do professor Milton Santos, em 1983 e, em seguida, da professora Maria Adélia A. de Souza colaborou para que se tomasse um novo rumo de criação no Departamento. O espírito aberto de ambos, a criatividade, o coleguismo deram novo impulso aos projetos. A cobrança no bom sentido tem sido extremamente gratificante e nos impulsiona.

Com a reestruturação do Departamento surgiu a possibilidade de trabalho mais participativo. Integrei-me ao Laboratório de Geografia Política, Planejamento Territorial e Ambiental - LABOPLAN, coordenado por Maria Adélia. No Laboratório, além dos trabalhos individuais atendendo às linhas de pesquisa dos professores envolvidos, elaboramos um projeto de cujo desenvolvimento participaram vários pesquisadores: "Território e Sociedade: As Geografias da Modernidade". Pretendemos nele, "estudar através de múltiplos enfoques, as geografias decorrentes da modernidade, especialmente no Brasil". Os professores envolvidos foram Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza, Armen Mamigonian, Maria Regina C. T. Sader e eu.

Deste projeto participei de dois períodos de coordenação junto ao CNPq - Projeto Integrado - Participei também por várias vezes da coordenação do LABOPLAN, até minha aposentadoria após 44 anos de dedicação integral ao Departamento de Geografia da FFLCH da USP. Isto não quer dizer que dependerei as chuteiras, pelo contrário, continuo trabalhando intensamente.

Voltando às atividades junto ao LABOPLAN ressalto que com o término do programa do Projeto Integrado do CNPq cada professor passou a solicitar individualmente a Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Pq), os bolsistas de IC e Apoio Técnico e verba. Aproveitei a oportunidade para declarar que desde 1982 tenho a felicidade de usufruir de bolsa de Pq na Categoria 1^a. Talvez seja a pessoa que detém, no Departamento de Geografia, bolsa por mais longo período. Em 2010 minha solicitação de bolsa foi aprovada por mais 5 anos. Prêmio concedido a bolsistas experientes. Isto quer dizer também que tenho o aval para participar do PIBIC como membro do Comitê Externo e até mesmo de Comissões nomeadas pelo CNPq. Voltando à década de 90 merece destaque minha participação junto ao Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero - NAP/NEMGE-USP. A Profa. Eva Blay permaneceu como Coordenadora até 92 quando assumiu importante posição junto à Organização das Nações Unidas para, em Viena, coordenar atividades de Gênero. Assim sendo, alguém tinha que assumir o NEMGE e por aclamação fui a escolhida. Trabalhei duramente até 2004 exercendo primeiro a coordenação e depois a vice-coordenação. Durante o período organizamos eventos, orientamos bolsistas e estabelecemos convênios e atividades várias de interesse das questões de gênero.

Do Convênio realizado com o Ministério de Educação e Desportos e Ministério da Educação sob a coordenação do Prof. Ari Plonski coordenei a pesquisa que redundou na

Publicação “Ensino e Educação com Igualdade de Gênero – Guia prático para professoras e professores do ensino fundamental e médio”. O Guia foi publicado em 1995 tendo como autoras Rosa Ester Rossini (Coordenadora) Rochelle Saidel, Sonia Calió e Isamara Lima de Jesus. Em 2005, na comemoração dos 10 anos foi lançada a 2ª edição.

Estes engajamentos possibilitaram com que eu adquirisse maior visibilidade nacional e passasse a ser mais conhecida pelo meu envolvimento com a questão de gênero na Geografia. Este “viés” permitiu algumas pessoas certa confusão teórica: “Você não trabalha com geografia agrária, mas com mulher”. O meu esforço de mais de 30 anos, no Departamento de Geografia, para muitos colegas, valeu pouco. Fora dos muros do Departamento, valeu muito e há demonstração nacional e internacional desta minha bandeira de lutas: dar visibilidade à mulher na geografia.

Em dezembro de 1990 foi realizado o concurso para Professora Titular de Geografia e fui aprovada com a nota máxima (dez). Dele participaram os Professores Milton Santos (presidente), Manuel Correia de Andrade, Eva Blay, Antonio Olívio Ceron e Lêda Maria Pereira Rodrigues. Pela primeira vez não pude contar com o Meu Professor, Meu Orientador, Meu Amigo, Prof. José Ribeiro de Araújo Filho, a quem devo boa parte de minha história de vida acadêmica e científica.

O ingresso nesta nova categoria – MS6 – na Universidade de São Paulo foi o passaporte para outras conquistas: financiamento para a pesquisa, aprovação de mais bolsistas, aumento de convites para participação em bancas de concursos públicos, etc.

Continuei no Programa de Pós-Graduação trazendo professores do país e do exterior para ministrar cursos: Maria Aparecida de Moraes (UNESP) e Ivone Gebara para ministrarem curso sobre gênero, Manuel Araújo de Moçambique da Universidade Eduardo Mondlane, para ensinar sobre a África Sul-saariana e Maria Beatriz Rocha-Trindade da Universidade Aberta de Lisboa que proferiu o curso sobre Migrações.

Com estes contatos profissionais participei de vários convênios internacionais pelo programa Alfa como, por exemplo, com a Universidade de Salamanca – Universidade de Barcelona – Espanha, Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique, este último coordenando até 2006 quando passei a “batuta” ao Prof. Wanderlei Messias da Costa por recomendação do Prof. Manuel Araújo.

Em 2005 fui agraciada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal com a Ordem Nacional do Mérito Científico na condição de Comendadora. Este reconhecimento nacional de minha atuação profissional foi extremamente honroso considerando que, no Departamento de Geografia da USP, apenas o Professor Milton Santos detinha este título e que, no Brasil, são pouquíssimos os geógrafos que o receberam.

Por falar em honraria, neste mesmo ano a Câmara Municipal de Serra Azul me homenageou reconhecendo minha luta em benefício da ciência e minha luta para conquistar um “lugar ao sol” considerando que venho de família humilde – servente de escola pública – e conseguiu, graças ao meu esforço, ascender ao mais alto grau na academia – Professora Titular – e na mais significativa universidade do país – Universidade de São Paulo. Aproveito também para destacar que, apesar da ocupação do meu pai ter sido muito modesta ele se individualizou tanto na atividade que, por indicação do vereador José Carlos Gomes, foi aprovada pela Câmara Municipal de Serra Azul a Escola de Educação Infantil Ramiro Rossini (talvez seja o único servente no mundo que tenha recebido esta honraria).

Pelo envolvimento junto ao PIBIC recebi inúmeras homenagens o que me torna cada vez mais responsável pelo programa. Nada mais agradável do que encerrar um período da vida com a Glória de o Programa de Pós-Graduação em Geografia e Gênero da Universidade Federal de Rondônia na coordenação da Profa. Dra. Maria das Graças Silva ter dado meu nome – Rosa Ester Rossini – a uma das salas em frente a de Josué de Castro.

3. O presente e o futuro ... 2008 ...

Para poder ter mais “autonomia de vôo” e dedicar mais tempo ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – do CNPq e aos meus orientandos – IC,

Mestrado, Doutorado, tomei a decisão de solicitar aposentadoria após 44 anos de atividades na Universidade de São Paulo, pois minha primeira contratação foi como auxiliar de pesquisa no Instituto de Geografia em 1963.

Não foi o ponto final, mas o ponto de partida para novas empreitadas.

O PIBIC que representa o programa de maior inclusão científica, cultural e social me absorve boa parte do ano nas atividades de seleção e de avaliação. Vale clarear que muitos jovens se descobriram no PIBIC, se envolveram de tal forma com a pesquisa que, além do desenvolvimento de pesquisa encontraram os caminhos de financiamento para bolsas, continuaram avançando e hoje são doutores. Por mérito prestaram concurso e são, com frequência, professores da Universidade que lhes ensinou os primeiros passos.

Assim sendo o Programa não é de assistência social, mas de competência científica e qualquer estudante, não importando a posição social pode participar. Esta é uma das minhas "bandeiras" de luta: o PIBIC.

Particpei intensamente desde 2007 no engajamento dos Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo junto ao Programa Interinstitucional da CAPES – Dinter e Minter – e Universidade do Estado do Amazonas, a partir da solicitação do Prof. Marcílio de Freitas e, posteriormente, reforçado pela reitora Marilene Correa da Silva a qual ofereceu todas as condições. Apesar de ser recomendação da CAPES que programas de Pós-Graduação com o mérito científico nota 7, como o Departamento de Geografia, colaborassem para a formação de quadros nas universidades emergentes, houve muita resistência de professores dos Programas de Pós-Graduação em Geografia Física e Geografia Humana do Departamento de Geografia para participarem de orientação aos colegas tanto em nível de doutorado como de mestrado da Universidade do Estado do Amazonas e da Secretaria da Educação do Estado do Amazonas. Resistências foram rompidas e cerca de 40% dos professores se fizeram presentes. O apoio irrestrito veio da Profa. Sandra Lencioni que coordena do Programa.

No final de 2009 tomei a decisão de reduzir quase integralmente minha biblioteca. O novo endereço passou a ser a Universidade de Rondônia pelo carinho e respeito que tenho recebido dos colegas. No novo prédio da UNIR haverá um espaço onde estudantes poderão ter um acervo que foi meu e que muito me ajudou no caminho do ensino e da pesquisa. Falta-me tempo para continuar enviando mais material.

Em 2009 no Encontro de Geografia Agrária tive a honra de ser homenageada e, neste final de 2010, no Encontro Nacional de Geografia Agrária proferirei a palestra de encerramento do Evento.

Após minha aposentadoria comecei a receber convite para ser Tutora de pós-doutorandos. Já concluí o programa de 2 anos do Prof. Paulo Esselin da UFMS e no 2º ano participa como pós-doutoranda a Profa. Dra. Alice Y. Asari com o tema dos dekasseguis. Desde 1985 estou envolvida com este tema. Talvez tenha sido a primeira pessoa que, sem ascendência oriental, que tenha publicado o primeiro trabalho na geografia sobre os dekasseguis. É importante abrir um parênteses para explicar o porque do meu engajamento junto ao tema: Orientei – mestrado e doutorado – Reimei Yoshioka que, após o mestrado, foi o primeiro diretor do CEATE – Centro de Atendimento ao Trabalhador Migrante para o Exterior – e com o qual discutia também muito este assunto, orientei – especialização – Wanda Ueda, cuja mãe aplicou, no Japão, os questionários que utilizamos para explicar o envolvimento das pessoas “no calor da hora”, Yoshikazu Yamochi – mestrado – que me recebeu no Japão e Ricardo Hirata – doutorado – que na sua pesquisa no Japão reservou 5 perguntas para o meu trabalho, e Marcelo Hideki – Iniciação Científica – cujos pais, no Japão, aplicaram 40 questionários que foram úteis para o desvendar de alguns itens da nossa pesquisa individual. Engajei-me no tema quando percebi que a migração para o trabalho de colheita da cana era muito semelhante à aquele dos migrantes à procura de trabalho no Japão, acrescente-se ainda que a palavra dekassegui quer dizer migrante temporário. Os problemas, as dificuldades de ambos, são muito semelhantes sendo que a grande diferença é a quantia recebida no final de cada mês.

O mais novo projeto em andamento é o de transformação da chácara que possuo em Serra Azul um Laboratório de Pesquisa para as crianças das escolas da cidade e arredores.

O pontapé inicial já foi dado: o plantio e conservação das plantas do cerrado, a construção de um galpão com bancos, mesas, banheiros e cozinha para abrigar as crianças e ensinar a “ler” a paisagem...


Sonhar é possível.

Viver é Mudar e Variar pensando sempre no social, na perspectiva de colaborar para com que os jovens acreditem no futuro e transformem o sonho em uma realidade concreta.

DO PARECER:

Após análise dos documentos apresentados entre os quais, a aprovação, por unanimidade, da outorga de título de Doutora *Honoris Causa* à Profa. Dra. Rosa Ester Rossini pelo CTC/UNIR e considerando todo o impecável histórico de vida acadêmica e científica da professora, é que sou de parecer **FAVORÁVEL** a concessão do título em tela

Porto Velho, 18 de agosto de 2011.



Prof. Dr. Dorisvalder Dias Nunes
Conselheiro

A Sec
P1 Favello
Al refer
ff